

BIBLIOTHECA NACIONAL
MARGG
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
3.ª SECCAO

ABRIL DE 1927

VOL. I — N.º 2

REVISTA DE ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCAO PUBLICA
DE
ALAGOAS

SUMMARIO:

Educação Moral e Cívica	Ad. Marroquin
Escudo	Cypriano José
História Alagoana	Craveiro Costa
Alagoas	Tito de Barros
A Tradição Filosófica	Ad. Marroquin
Instrução Pública	
Minha Terra	Olavo Bilac
Comemoração Cívico-Escolares	
Medalhas Cívicas	
Em Guarda à Bandeira	Tito de Barros
Uma lição de Português	Maric Marroquin
Metodologia	
Resumo de História Patria	Craveiro Costa
Defeitos de educação	Octavio Pires
Primeiras lições de Arithmetica	Charles Laisant
Noticiario	

MACEIÓ — ALAGOAS
— BRASIL —

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

MACEIÓ, MARÇO-ABRIL DE 1927

NUM. 2

Educação Moral e Civica

(AD. MARROQUIM)

—Trechos de um livro de leitura—

A PRIMEIRA AULA

Menino :

Conheces a tua patria ? Conheces os seus limites, os seus rios, as suas montanhas, as suas arvores, os seus animaes, os seus homens, a sua lingua ? Conheces o Brasil ?

E enquanto os outros meninos, attentos á palavra do professor, faziam um grande silencio, André baixava os olhos envergonhado por não poder responder a uma só das perguntas que lhe eram feitas. Mas o professor continuou a fallar :— Não sabes ; não te envergonhes disto porque os teus collegas tambem nada sabem. Já é tempo, porém, de abrires os olhos para as grandezas do teu paiz natal, um dos mais vastos, um dos mais ricos, um dos mais heroicos, um dos mais cultos, um dos mais bellos paizes do mundo.

A sua vida de quatro seculos apenas, é um exemplo raro do progresso rapido. A historia desses quatrocentos annos está cheia de lutas, aventuras, invasões e sacrificios, até que se formasse o caracter definitivo da nacionalidade, isto é, até que o BRASIL chegasse a ser o que é hoje.

Muito novo em relação aos paizes europeus, elle nada tem a inve-

jar da grande cultura estrangeira porque as artes florescem e os homens vivem felizes sob a guarda incomparavel de um céu puro e uma natureza virgem.

E dirigindo-se aos outros meninos, disse o mestre: Deveis, pois, estudar e conhecer tudo quanto se refira á vossa terra ; é conhecendo-a que aprendeis a amal-a, amando-a deveis dar as razões do vosso amôr e explicar o orgulho de quem pronuncia estas palavras : *SOU BRASILEIRO !*

BRASILEIROS

— André, qual é a tua patria ?

— Alagôas.

— Muito bem. Qual a tua, Fernando ?

— Tambem Alagôas.

— E a tua, Felicio ?

— Penedo.

— Sim senhor, Carlos ?

— Pernambuco, respondeu emphaticamente o menino.

E, de um a um, o professor interrogou todos os outros. Havia alagoanos, pernambucanos, bahianos e paulistas. Um delles, o pequeno José Maria, da primeira classe, chegou mesmo a dizer que sua patria era S. Pedro — enge-

nhoca situada nos sertões de Alagoas, o que provocou risos dos seus collegas.

— Vejo que sou mais feliz que todos vós, disse o professor, porque a minha patria é maior, mais rica, mais gloriosa e mais bella que cada uma das vossas e mais ainda que todas ellas reunidas. Minha patria é o quarto paiz do mundo em extensão territorial; minha patria possui os maiores rios e as mais gigantescas florestas do globo; minha patria tem cerca de setecentas e trinta leguas de norte a sul, seiscentas e oitenta leguas de leste a oeste e mais de mil e cem leguas de costa.

Minha patria, meninos, é o BRASIL!

Estados, municipios, povoações e engenhos, são divisões convencionaes ou politicas e particulares que não alteram nem podem alterar as fronteiras da grande, da verdadeira patria. Se o Brasil viesse, por qualquer motivo, a dividir-se, de modo a formarem-se delle outros paizes, decerto não occuparia o logar que occupa no conceito das nações. A sua força está, antes de tudo, na grandesa do seu territorio.

Não ha, não deve haver alagoanos, paulistas, maranhenses, bahianos, pernambucanos ou goyanos, ha sómente brasileiros. De outra forma eu, por exemplo, que nasci no pequeno Estado de Sergipe, não me poderia ufanar das façanhas de Henrique Dias e Felipe Camarão, do heroismo de Frei Miguelinho, do martirio de Tiradentes, do arrojo de Fernão Dias, do genio de Castro Alves e da visão aquilina de Rio Branco. Mas não! Estes,

como tantos outros cuja vida cheia de glorias haveis de conhecer mais tarde, são brasileiros como eu, como vós, como todos que tivemos a fortuna de nascer na terra predestinada de SANTA CRUZ.

Esta é que é a minha, esta é que é a vossa Patria!

PALAVRAS DE MÃE

O incidente com que terminou o primeiro dia de aula, não mais sahio da memoria dos meninos e principalmente da de André, a quem o professor se tinha dirigido com aquellas perguntas que elle não soube responder, apesar de ser apontado na escola como um dos meninos mais vivos e intelligentes. André teria chorado se o professor insistisse e, ainda assim, ao chegar a casa, muito triste, cahiu nos braços da mãe e passou a contar-lhe a scena da escola, a humilhação a que o expusera a sua ignorancia.

— Não, meu filho, tú não ficaste humilhado, porque não tens culpa dessa ignorancia. Nunca estudaste a geographia e a historia da tua terra; nunca um professor te fallou dessas cousas que tanto impressionaram a tua cabecinha e eu mesma tinha evitado fallar-te do assumpto com receio de sobrecarregar a tua memoria. Vejo que me enganei. O sentimento que mostras, se bem que improcedente, indica o meu erro e o professor andou muito direito abrindo-te os olhos da intelligencia ás maravilhas da Patria, para que a ames mais que a propria vida.

Mais do que a ti, perguntou André?

— Mais do que a mim! Se algum dia fugisses ao dever de defender

o BRASIL, em caso de perigo, eu não poderia olhar-te como agora, não serias digno do meu beijo, não serias mais meu filho. Terias succumbido á peior das mortes — a morte moral e, em signal da tua perda, eu vesteria eterno luto, se não morresse tambem de desgosto.

— Mas eu quero defender a Patria,olveu André commovido.

— Sim, meu filho. Para defendel-a, porém, é preciso que saibas porque a defendes, como para amal-a é preciso saber porque a amas. Isto vae certamente ensinar-te o teu novo mestre, cujas palavras tanto te commoveram.

Vontade de amar é quasi amar e tu queres, tu deves amar a tua Patria.

LIÇÃO OPPORTUNA

Ao entrar na sala para dar começo aos trabalhos escolares, o professor viu a um canto, chorando com a cabeça entre as mãos, um alumno da primeira classe. De pé ainda, no meio do silencio que se fez á sua entrada, perguntou :—

— Porque choras, Felicio ?

O pequeno, com a cabeça baixa, não respondeu e começou a soluçar.

O professor insistiu :

— Vamos; que tens ? Estás doente ? Fizeram-te mal ? Que houve, emfim ?

— Nada, balbuciou Felicio.

— Nada ? ! Não é possível. Ninguém chora sem motivo; e eu quero saber porque choras.

André levantou-se então muito pallido e fallou :

— Professor, a culpa é minha. Estavamos todos brincando, quando Felicio subiu a um banco e gritou : silencio! Eu voltei-me e dis-

se que negro não mandava. Os outros riram muito e elle começou a chorar.

— Não sabes o que disseste, André. Quizeste offender ao teu collega; tiveste a grosseira intenção de offendel-o. A côr, porém, não é um defeito, nem signal de inferioridade ; se assim fosse a maioria dos brasileiros estaria humilhada porque a nossa raça é o resultado da fusão do americano, do africano e do europeu, isto é, do indio, do negro e do portuguez. Somos, pois, mestiços. Quando mesmo dessa mistura resultasse uma raça inferior, não deveria ella ser alvo de chacotas e zombarias; o nosso nascimento, a nossa origem não depende da nossa vontade. Não és branco porque o quizesse, nem Felicio mestiço porque o desejasse.

Mas o *mulato*, o *mameluco*, o *cafuso*, o *curiboca*, o *cabra*, ou que nome deem ao mestiço, não é um typo degenerado, é antes um forte porque reúne as melhores qualidades dessas tres raças.

Elle tem a bondade, a resignação, a resistencia do negro, provadas em muitos annos do mais amargo captiveiro; o character independente, a bravura destemerosa do indio que, batido, perseguido, assediado por ambiciosos aventureiros, jámais se quiz submeter ao seu dominio; a intelligencia e a moderação do portuguez que trouxe a civilisação a estas paragens.

Como poderias amar com desprezado e imperecível amor a tua patria se começasses por desprezar a sua raça ?

Não, André, a tua chacota não attingiu sómente ao teu collega, ella bateu em cheio na terra que te

é berço e ha-de ser tumulo. Resta agora que te ajoelhes e pronuncies, com toda a humildade de um sincero arrependimento, estas palavras : Patria, perdôa.

Profundamente commovido, André ia cahir de joelhos, mas o professor, pegando-lhe no braço, disse :

— Não. Não é preciso, já estás perdoado. E afagando-lhe a cabeinha ruiva, accrescentou :— Has de ser um grande patriota !

A MÃE OUTRA

Como de costume, André, de volta da escola, tudo contou á sua mãe arrependido de haver procurado ridicularisar Felicio e, involuntariamente, o Brasil.

— De certo, meu filho, andaste muito mal. A brincadeira serviu entretanto para receberes a bellissima lição que te deu o mestre. Em breves dias, quando entrares mais fundo na historia da nossa patria quando poderes estudar as horri-veis tragedias de que foi grandioso scenario a natureza brasileira, quando a tua alma pura começar a entrever atravez da fria narrativa dos compendios o martirologio da escravidão, e se te arripiarem os cabellos diante de tanta miseria e tanta dôr, então, André, só então, comprehenderás o motejo que dirigiste a Felicio.

Has de ver mais tarde como soffreram as pobres creaturas arrancadas á sua terra para satisfazer a ambição de aventureiros sedentos de ouro; has de ver como era feita a travessia dos oceanos por esses miseros seres, empilhados na mais triste promiscuidade, nos porões infectos dos navios negreiros; has

de ver o tormento inominavel dessas familias expatriadas e sujeitas ao relho de senhores verdadeiramente ferozes; has de ver tudo isso, meu filho, e ainda mais a cordura, a fidelidade a dedicação de tantos infelizes que reclamavam apenas, em troca do seu thesouro de virtudes, um pouco de coração e humanidade.

E Guilhermina ? Lembrou-te acaso Guilhermina quando insultaste teu collega ? Pois não foi essa bôa negra, a *mãe outra* como a chamavas na tua pittoresca linguagem infantil, não foi a Guilhermina quem te carregou nos braços desde o momento em que nasceste até que deste os primeiros passos ?

Podes acaso avaliar as noites de vigilia e desespero junto ao teu berço, quando a morte de queria arrebatá-lo ? Podes acaso medir os extremos daquella dedicação que abandona o proprio filhinho para salvar-te, dando-te o leite que era delle ?

Guilhermina é negra, mas é a minha melhor amiga e a tua segunda mãe.

Nesse momento a preta, ouvindo pronunciar o seu nome, appareceu á porta mostrando num sorriso satisfeito os dentes alvos.

— Sinhá chamou ?

— Chamei Guilhermina. E' André que te quer abraçar.

O menino correu para ella de braços abertos. A negra sorrindo de orgulho reclamava : — Que é isso, Nhô-nhô !... Qu' é isso, Nhô-nhô !...

E sahiu com André.

Ainda no corredor se ouvia a sua voz : Este menino é um capêta !

Mas os seus olhos estavam marejados de lagrimas.

A PRIMEIRA CIDADE

Acabara o professor de explicar um ponto de Geographia, quando chegou o carteiro e lhe entregou a correspondencia postal: cartas, jornaes e revistas.

Examinou superficialmente alguns papeis, depois segurando ao alto um cartão postal, mostrou-o á meninada :

— Aqui está um trecho da cidade do Rio de Janeiro, capital da nossa Patria. O que aqui vedes é apenas uma pequena parte de uma das mais belas cidades do mundo. Por traz desses morros, picos e serrotes que se atravessam galgando-os, contornando-os ou perfurando-os, se estendem outras tantas cidades tão grandes e tão formosas quanto esta. Tudo isto é o Rio de Janeiro. E' preciso que se suba a uma grande altura para se ter uma idéa da sua extensão. E ainda assim é impossivel descortinal-a toda. Grande parte dos edificios, ruas, praças, avenidas e arrebaldes se occultam nas faldas das collinas, no reconcavo dos vales, na espessura da vegetação.

Alli se agita, trabalha, soffre e sorri mais de um milhão de pessoas. Alli se reúnem o Senado e Camara dos deputados, autores das nossas leis; alli residem as mais altas autoridades do paiz: o Presienté da Republica, os ministros, ou melhor, os secretarios de Estado, os juizes do Supremo Tribunal Federal, os delegados, consules, ministros e embaixadores estrangeiros; alli vive uma juventude esperançosa procurando

firmar-se no commercio, na magistratura, na diplomacia, no jornalismo, nas lettras. Alli está o que de mais representativo possui a nossa literatura. Emfim, é o Rio de Janeiro o resumo de toda a civilização não sómente brasileira mas sul-americana.

Este pedaço de mar, continuou o mestre apontando o cartão, é tambem uma nêsga da famosa bahia do Rio de Janeiro ou Guanabara, espanto e maravilha de quantos a admiram, pela sua extensão, diversidade de formas, disposição de suas ilhas e natural sistema de defesa que a torna um porto inexpugnavel, além da incomparavel belleza das suas paisagens. Do outro lado, Nitheroi capital do Estado do Rio, ainda mais lhe augmenta os encantos e incontestavel formosura.

Entretanto se esta é a primeira cidade do Brasil em extensão, commercio e belleza, não o é na ordem chronologica, pois que, antes della, outras foram fundadas nos tempos remotos da colonia. Neste sentido, a primeira foi S. Vicente, no Estado de S. Paulo, então capitania. Só tempos depois Estacio de Sá fundava a cidade do Rio de Janeiro.

A gloria da fundação da primeira cidade em terras brasileiras cabe a Martim Affonso de Souza.

Naquelle tempo... Mas isto fica para outra vez, disse o professor levantando-se.

NAQUELLE TEMPO . . .

Naquelle tempo era o Brasil uma terra selvagem. Habitavam nas margens dos seus rios ou no seio das suas florestas, em pequenas

a aldeias chamadas *tabas*, homens incultos, sem crença, sem lei, entregues aos seus próprios instintos—os índios.

Espalhados pelo grande solo brasileiro, donos absolutos destas terras, elles nada conheciam da civilisação. Andavam nus, pintavam-se os corpos, com tintas extrahidas de certas arvores, furavam-se os labios e os narizes de onde pendiam argolas e nunca se demoravam muito tempo no mesmo lugar. Eram nomades.

Da lavoura tinham os índios uma noção muito rudimentar; preferiam a pesca e a caça que exercitavam com pericia, utilizando o arco e a flexa, suas armas inseparaveis na paz e na guerra e em cujo manejo eram habilissimos.

Entendiam-se elles por meio de uma lingua tambem rudimentar que, apesar se algumas differenças da de outras nações indigenas, tem a mesma origem destas. Nasceram todas da lingua geral—o Tupy. *Maceió, guanabara, potengy, urucú, arara, urupema, coruripe, pernambuco, urutáo* e tantos outros, são termos com que os índios exprimiam as suas idéas. A nossa Geographia está cheia delles.

Algumas tribus tornaram-se celebres pela sua ferocidade. Inimigo ou estrangeiro que lhes cahia nas mãos era immediatamente devorado.

Assim morreram o primeiro bispo do Brasil D. Pedro Sardinha e seus companheiros que, de viagem para Portugal, naufragaram nas costas de Alagôas, perto da barra do rio Coruripe, e muitos outros. Raros conseguiram escapar ao sacrificio. Entre estes, contam-se

João Ramalho e Diogo Alvares que se valeram da ignorancia e simplicidade dos índios para salvar-se.

Tendo levado do naufragio que soffrera, uma espingarda, Diogo Alvares com ella abate uma ave na presença dos indigenas. Diante do estampido, elles correm amedrontados, gritando: Caramurú! . . . Caramurú! . . . que significa na nossa lingua o *Homem do fogo*.

O índio foi uma das causas do retardamento da colonisação do Brasil porque, acostumado a uma vida absolutamente livre e sem peias, empenhou-se em lutas tremendas contra os portuguezes que queriam escravisal-o.

O índio reagiu tenazmente mesmo em face da horrivel matança de seus irmãos.

Ainda hoje, nas regiões inexploradas de Matto Grosso, Amazonas, Goyaz e Pará, existem muitos selvagens que o Governo procura chamar á civilisação.

PORTUGAL ! PORTUGAL !

— Portugal é um pequeno paiz da Europa, que no seculo decimo quinto representou importante papel na historia do mundo. A' intelligencia dos seus principes e á ousadia de seus navegadores, devemos a felicidade de ter nascido brasileiros e isto bastaria ao titulo da nossa gratidão, se lhes não devessemos tudo mais.

Foi de Portugal que nos vieram as crenças, as leis, as artes, a litteratura e, sobretudo, a lingua que fallamos, uma das mais bellas e ricas das linguas nascidas do latim.

Foram portuguezes os primeiros homens civilisados que pisaram

este solo, foram portuguezes os primeiros colonos deste paiz, portuguezas foram as primeiras familias estrangeiras aqui domiciliadas, tambem portuguezes os destemidos exploradores desta terra virgem, ainda portuguezes os primeiros catechistas dos selvagens, portuguezes sempre os primeiros heroes contra a cobiça estrangeira, portuguezes emfim, o sangue que nos corre nas veias e que nem o tempo nem a mistura com outras raças poderão apagar.

A maior injustiça que podemos fazer ao nosso descobridor é proclamar a sua inferioridade em relação aos outros povos. Injustiça e ingratição. A prova mais evidente da capacidade portugueza está no descobrimento do caminho das Indias e no descobrimento do proprio Brasil. Estes feitos assignalaram ao pequeno paiz d'alem mar, logar de destaque entre as nações e serão sempre lembrados como os mais celebres da Historia.

Deu-nos Portugal o que nos poderia dar e o sufficiente a uma terra selvagem, elle que tinha sabios, poetas, oradores, chronistas, comediographos, architectos, musicos, pintores e santos, nunca desdeñados de artistas e soberanos estrangeiros. Ao contrario, estes sempre mantiveram com a pequena nação um constante e intenso commercio intellectual de que são testemunho museos, cathedraes e bibliothecas portuguezas.

Ainda hoje tem Portugal um nucleo consideravel de artistas e escriptores que honram as suas tradições de grande povo.

Amando Portugal, tendes começado a amar o BRASIL.

OS TREZ SIMBOLOS

— Não ha muitos dias vos fallei das trez raças que contribuíram para a formação do mestiço brasileiro, a proposito de uma pilheria de mau gosto dirigida por André ao seu colléga. Naquelle momento, porém, calei sobre outros acontecimentos da nossa historia que não mentos da nossa historia que e negros, fieis alliados dos portuguezes no laborioso periodo da colonisação, os quaes empregaram toda a sua força, toda a sua energia, toda a sua vida contra invasores estrangeiros.

São sem numero os heróes dessas sangrentas pelejas. Todos elles merecem sem duvida o culto que lhes tributamos, mas destacam-se nessa epoca de lutas tremendas, trez homens que podem ser considerados os trez simbolos daquellas raças: O negro Henrique Dias, o indio Felipe Camarão e o portuguez Fernandes Vieira.

Durante e depois do dominio hespanhol, esses trez patriotas realisaram as mais illustres façanhas contra os hollandeses, que, apesar da bravura dos seus capitães, tiveram de capitular, abandonando o Recife onde se haviam fortificado.

Tanto mais devemos admiralo quando é sabido que, entregues aos proprios recursos, lutando com inimigo poderoso, elles nem mesmo poderam contar com o auxilio de Portugal, então restaurado. Ao contrario, combalido de lutas fadigasas, Portugal preferia deixar aos hollandeses a região conquistada que se estendia do Potengi ao S. Francisco, onde estão hoje situados os estados do Rio Grande do Norte,

Parahyba, Pernambuco e Alagôas.

Não se conformaram com semelhante solução os brasileiros e, ao grito de revolta de Fernandes Vieira, pegaram em armas. Datam dahi o combate das Tabocas e as batalhas dos Guararapes nas que foram derrotados os invasores.

Um desses trez homens, no momento mesmo da luta, quando ia mais intensa a refrega não se podia prever de que lado penderia a vi-

ctoria, tem um braço esfrangalhado por uma bala. Não esmorece porém, e escudado no grande amor da sua patria, consciente do sagrado direito que o impelle, preferindo a morte ao jugo dos intrusos, redobra de heroismo, avança impávido contra as temiveis hostes inimigas e consegue desbaratal-as.

Este heróe foi o negro Henrique Dias !

DEODORO

Letra para o hymno escolar do Centenario de Deodoro, a realizar-se em 5 de agosto, vencedora no concurso de 30 de abril, promovido pelo Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

O Brasil foi um dia levado
A' defeza do seu pavilhão;
E Deodoro, — valente soldado,
Teve a sorte da patria na mão !

Elle soube, nos campos de guerra,
Como tantos heroes, conquistar
O direito sagrado da terra,
Que lhe deu a bravura sem par.

E a Republica, — o sonho de gloria
Proclamado num gesto immortal,
Ao futuro relembra, na Historia,
— Do Brasil o maior general.

Alagôas, — orgulho da raça
Que Deodoro tão alto elevou !
Vêde, Mãe venturosa, — elle passa,
Mas o vosso renome deixou.

Cypriano Jucá

HISTORIA ALAGOANA

(CRAVEIRO COSTA)

—Trechos do livro de leitura “Alma das Alagôas—

A Matança dos Caetés

No correr do anno de 1556, entre a fôz do Coruripe e a do S. Francisco, os Caetés *trucidaram* a D. Pedro Fernandes Sardinha, 1.º bispo do Brasil, e seus infornados companheiros, entre os quaes, “Antonio Cardoso de Barros, que fôra procura-dôr-mór, e dois conegos, duas mulheres honradas, muitos homens nobres, e muita gente, que por todos eram mais de cem pessoas”. Haviam escapado ao naufragio da não “Nossa Senhora da Ajuda”.

Do horrivel *massacre* apenas livraram-se dois indios da Bahia e um portuguez que sabia a lingua tupi.

Terrivel no seu odio, a vasta e poderosa tribu da grande familia *indigena* dos tupis, não se harmonisara nunca com os portuguezes, fugindo-lhes ás seduções e resistindo-lhes bravamente ás violencias. A alliança do donatario com os Tupinambás, seus rancorosos inimigos, *exacerbou-lhes* os instinctos sanguinarios. A morte de Duarte Coelho, que os mantivera em relativa distancia, reaccendeu nos indomaveis defensores do solo alagoano, o odio antigo c da fôz do S. Francisco á Iguarassú as *taopelias*, os assaltos, as emboscadas, as *chacinas* reanimaram-se, furiosas e perturbadoras da vida laboriosa da capitania.

Os naufragos, surprehendidos na sua angustiosa situação, em jornada para Olinda, impossibilitados de luctarem com vantagem, foram presa oppulenta e facil da *sanha canibalesca*. “Depois de roubados—narra frei Vicente do Salvador — e

despidos, os prenderam e ataram com cordas, e pouco a pouco os foram matando e comendo”. A crença popular affirma que o céo assignalou para sempre a horrorosa tragedia, tornando descampada e árida a terra outrora coberta de magnificas frondes. A cólera divina, depois que o sangue do *prelado* manchou aquelle chão, desvirginando-o, fez pender os ramos verdes, veio o sol e queimou-os, mais tarde o tempo consumiu os galhos seccos que se levantavam para o céo como braços de desesperados, *imprecando*. E nunca mais a herva rasteira, mesmo *damninha*, verdejou na terra maldieta...

A noticia da sangueira, chegada a Olinda, indignou as autoridades e apavorou os colonos. Um clamôr de vingança sahiu de todas as boccas portuguezas, em *pánico* e odio. A desforra annunciou-se tremenda e o foi de facto.

Do que foi a perseguição aos Caetés se póde *inferir* do castigo em que já havia *requintado* a crueldade de Jeronymo de Albuquerque, mandando, certa vez, atar á bocca de canhões pobres indios e “disparal-os á vista dos mais, para que os vissem voar feitos pedaços”.

Iniciaram-se as correrias de lusitanos com os Tupinambás para o *exterminio* da tribu indomavel. Depois veio Jorge de Albuquerque, mancebo impetuoso e bravo, de sangue indigena em linha materna, continuar a campanha que o tio iniciara. E pelo littoral immenso, do S. Francisco ao cabo de Santo Agostinho, por montes e valles, galgando ásperas penedias, varando

mattas virgens, Jorge de Albuquerque levou sua gente sanguesedenta a todas as *tabas*, destruindo-as pelo fogo, arrasando as lavouras, passando a fio de espada velhos indefezos e acobardadas mulheres. A tudo o fogo consumiu e a bala despovoou. As margens do Coruripe foram *taladas*, as campinas de S. Miguel varridas a bombar-da, as mattas do Jiquiá prezadas das chammas.

A multidão caheté, exausta e faminta, correu rumo da Parahyba do Norte, onde parou o fidalgo victorioso. Durou cinco annos a perseguição. E não bastou : um *edito* real condemnou á escravidão perpetua a todos os Cahetés sobreviventes ao morticínio e aos seus descendentes, sem excepção de sexo e idade.

Raros os que se submeteram ao captivo. A grande massa refugiada na Parahyba *embrenhou-se* na floresta, onde escondeu os destroços de sua liberdade. Depois, outros portuguezes vieram, hostilisan-tes, e foram conquistando a terra; outros vieram ainda, outras conquistas apertaram os limites e a raça foi enfraquecendo, *diluindo-se*, pouco a pouco, no *abastardamento* do sangue e na *voragem* do tempo...

O EXODO

Durara tres mezes o cerco ao *reducto* do Bom Jesus, em cujas *estacadas* as tres raças *colligadas* para a defeza da capitania registraram lances gloriosos de uma resistencia formidavel.

Mathias de Albuquerque, com o grosso de suas forças, *aliás*, *reduzido*, transferira para Nazareth seu quartel general. No arraial, poucos homens ficaram a defender aquella posição—coração angustiado da metropole no Brasil — por muito tempo *inexpugnavel*. A esse punhado de bravos juntara-se no soffrimento e na lucta, a população civil, de todas as condições.

Os hollandezes, apertado o *sitio*, intercep-taram, em absoluto, qualquer soccorro.

Acabara a alimentação. E aquella gente faminta matou os cavallos para comer-lhes a carne, “comeram ratos, cães, couros de bois, hervas silvestres, com a farinha *joeirada*” da terra dos desmoronamentos,!

Cahido o arraial em poder dos sitiantes, porque a fome pozera termo á resistencia homérica da praça gloriosa, Nazareth foi posta em *cerco*. Apenas 300 homens defendiam-na, soffrendo com *estoicismo* “todas as privações, morrendo muitos de *inanição* no seu posto”.

Antes do cerco, Mathias de Albuquerque, previdentemente, mandara Bagnuolo defender e fortificar Porto Calvo, povoado já, “importante pelas numerosas fazendas e pastos de seus arredores”. Os hollandezes foram-lhe ao *encalço*. Derrotados, Bagnuolo abandonou Porto Calvo, retirando com a gente escapa para Alagôas do Norte, onde teve a fortuna de encontrar reforços recém-chegados da metropole.

Para lá resolveu seguir o bravo Mathias de Albuquerque. A retirada, discutida e assentada em conselho de officiaes, foi communicada á população. O general offereceu ao povo apavorado a unica salvação no momento ao seu alcance, — acompanhá-lo na jornada que ia emprehender, em direcção das Alagoas.

Realisou-se então um dos *episodios* mais commoventes desse periodo sombrio da lucta pelo dominio do Brasil.

Quasi toda gente, “senhores de engenho tanto de Pernambuco como de Goiana e da Parahyba”, com a sua escravaria, o seu gado e os seus haveres transportaveis, abandonou os lares, reproduzindo as scenas dolorosas de um novo exodo biblico. Cada qual, porém, tinha a sua razão de ordem pessoal na fuga: uns, figuras compromettidas perante o inimigo pelo relevo de suas attitudes no *pleito* sangrento, levados pelo temor de castigo; outros, possuidores de *cabedaes* facilmente condusiveis, arrastados pelo desejo de melhor acautelal-os; poucos,

talvez pelo sentimento da dignidade patriótica... Do mesmo modo muitos ficaram. "Não foram poucos os que por necessidade ou conveniência dobraram os joelhos e sujeitaram-se ao jugo dos holandeses".

Na retirada, Mathias de Albuquerque arastou cerca de 8.000 pessoas. Operou-se a emigração, em 3 de Julho de 1685. A frente, uma turma de índios abria caminho, seguida de um corpo de tropa regular. Camarão fechava o *prestito* imenso. E por trilhos abertos pela gente indígena no seio da floresta, ou beirando os cursos fluviaes, com o pavôr na alma e a fraqueza no corpo, a tragica *caravana* fugitiva marchou ao sol e á chuva por muitos dias.

O cansaço da jornada, as enfermidades *supervenientes* á *exhaustão* physica e ao abatimento moral, a fome, todos os soffrimentos innarraveis de uma fuga collectiva com o inimigo pela retaguarda, ou, a qualquer momento, por um dos *flancos*, dizimaram, ás centenas, a população emigrante.

Muitos ficaram pelos caminhos, sob a terra marcada pela piedade familiar com a cruz da redempção...

A passagem por Porto Calvo augmentou a afflicção daquella gente desgraçada. Lá estava Picard de posse da posição para embargar-lhe o passo. A *insidia* de Sebastião Souto attrahiu o holandez á derrota, da qual resultou a morte de Calabar. Arrazadas as fortificações de Porto Calvo, o aterrorizado comboio continuou a sua tormentosa jornada até Alagôas, "onde os emigrados se despersaram, ficando alguns pelos contornos, vindo outros para o Rio de Janeiro, e a maior parte estabelecendo-se na Bahia".

Centenas de escravos, aproveitando aquelle momento de soffrimento collectivo, que os igualava aos senhores, debandaram, refugiando-se nas serras das Alagôas, sob a protecção unica do deserto vigiado pelas palmeiras solitarias.

Esconderam-se a 30 leguas da costa milhares de negros, "que pelos máos tratos recebidos dos senhores brutaes e pelo natural desejo de liberdade" assim recuperaram a vida livre da terra natal.

E não fôram elles sós na fuga libertadora. Centenas de índios retomaram á matta, abandonando os aldeamentos e fugindo ás correrias das *hordas* tapuyas aliadas dos holandeses.

O exodo entregara vasta extensão da capitania ao neerlandezes.

A VINGANÇA

No dia 22 de julho de 1636, em Porto Calvo, Mathias de Albuquerque deixou nas chronicas do Brasil Colonial um dos maiores episodios desse agitado periodo de aventuras e crueldades. Foi o dia de sua vingança.

Alli chegara, dias antes, tangido de Nazareth, com algumas centenas de homens de armas, outras de índios pacificados e obedientes ao grande Camarão e 8.000 fugitivos, em exodo, *estropiados*, *afflictos* e famintos

O acaso valera-lhe na *conjunctura* sombria de sua passagem pelo povoado, permitindo-lhe apoderar-se da praça, após grande carnificina entre as duas forças belligerantes. O acaso fôra a perfidia de Sebastião Souto.

Calabar, perdida a esperança de qualquer salvação dos restos da tropa de Picard, entregara-se ao inimigo, ponde-se "á mercê d'el-rei", dissera ao render-se, talvez confiado no convenio de Recife, com o qual se procurara abrandar as cruezas da guerra, talvez prevendo a *hypothese* de, naquella confusão de fuga, poder evadir-se.

Submatteram-no a conselho de guerra. Os juizes eram os seus proprios inimigos, os mesmos homens a quem tanto malfizera nas guerrilhas terriveis que diri-

gira e na dilatação de conquista hollandeza que a sua *autuação* tornara possível. Nem uma voz a seu favor se levantou perante o tribunal. O julgamento pronunciou-se, unanime e sem delongas, (e não havia tempo a perder porque reforços hollandezes vinham de *corrida*) pela morte do *mameluco*.

Calabar, assim, indefeso e julgado summariamente pelos inimigos em pleno campo de guerra, foi acorrentado á historia como infame, pelo depoimento escripto que nos deixou frei Manoel do Salvador.

A "*mercê d'el-rei*", a que se entregara, valeu-lhe apenas, naquelle *transe*, pela intervenção de um sacerdote, para que o preparasse para a morte e o assistisse com os officios da religião na hora tragica do enforcamento. Frei Manoel do Salvador afirma ter sido elle esse sacerdote; contesta-lhe, porém, a affirmação, com argumentos de convencer, o historiador Jaboaão.

Tres dias passara Calabar em *custodia*, tres longos dias de torturas, preparando-se com as consolações da misericordia divina para morrer christãmente, perante a sua *consciencia*.

Depois abriram-lhe as portas do carcere e formou-se a procissão sinistra do justigamento. O cortejo moveu-se, em direcção ao centro do povoado, onde a fôrca se erguia, solitaria e tragica. O sacerdote recitava a oração dos agonisantes, *alçando* a cruz aos olhos da multidão commovida ante a magestade da morte.

Soldados, d'armas ao hombro, cercavam o condemnado e a gente extenuada que fugira de Nazareth, alli estava, comprimindo-se, para testemunhar o trucidamento que o conselho de guerra autorisara, legalizando, com as apparencias de um acto de justiça, a atrocidade de uma vingança.

Alli estava o *mameluco* valente para padecer morte ignominiosa. Sereno, resignado, estoico, aquelle lugubre apparatus não

o apavorava. A cabeça, altivamente levantada, num desafio á *posteridade*, dominava os auctores do seu supplicio e o olhar por sobre a multidão silenciosa fitava o *scenario* e derramava-se pelos montes nataes coroados de frondes immensas e pela casaria tosca onde viviam os de sua *laia*, de sangue indigena e de sangue africano, escravos da gleba e do homem que delle se apossara.

Do poder militar da villa, onde Calabar *castellara* a defeza hollandeza naquellas paragens, já nada existia. Os vencedores haviam arrasado em tres dias as fortificações. O incendio ainda lavrara, aqui e alli, consumindo tudo. Magotes de indios siminús e *imbecilizados* pelos soffrimentos da jornada, parados pelos lugares mais altos para verem melhor a consumação da tragedia, eram espectadores indifferentes daquelle *lugubre* apparatus com que se punham fim a vida de um homem ainda hoje discutido

A um signal o *carrasco* apodera-se do condemnado, ata-lhe tranquilamente o *baraço* ao pescoco, arrasta-o ao tablado da fôrca e precipita-o no vacuo. O corpo da victima da crueldade daquelle tempo e victima tambem do proprio destino, em *balouço*, agitou-se nas convulsões da *asphyxia*. Depois, medonhamente desfeita a physionomia do mestiço, apenas daquelle homem intrepido havia o cadaver.

Mas a justiça não acabara a sua obra. O cadaver foi arriado da fôrca. O carrasco, *magarefe* da carne humana, separou-lhe a cabeça do tronco, decepou-lhe os braços, cortou-lhe as pernas. Ainda não acabara a execução. Aquelles restos foram expostos, em estacas, em varios pontos para todos os que alli estavam e os que viessem a saber do trucidamento de Calabar, não tivessem duvidas sobre a justiça de Mathias de Albuquerque. Era, de resto, a justiça do tempo.

Calabar antecipou-se de cem annos á sua epocha. A sua deserção foi um acontecimento *prematureo* da evolução historica da raça. Cem annos mais tarde, teria ella sido considerada um pronunciamento patriótico pela definição da nacionalidade, em antagonismo *radical* com o portuguez.

D. CLARA

Naquella tragica manhã de 16 de fevereiro de 1637, Bagnuolo, acobardado diante de Nassau, fugira de Porto Calvo com a retaguarda *acossada* pelo inimigo, até duas leguas de distancia. Na precipitação da retirada, esquecera até Miguel Gilberton, que estava, heroicamente, fazendo *troar* a artilharia do reducto, vendendo a preo de muito sangue a posição que lhe fôra confiada.

Com Gilberton, no reducto e arredores, outros ficaram. Ficou o illustre chefe potiguar com os seus indios refeitos da surpresa com que os atacara o inimigo, na margem do Commandatuba, bramindo todos a sua indignação pela fuga do general, enquanto Camarão obrava prodigios para manter a resistencia, reorganizando as suas companhias destroçadas. Ficou Henrique Dias, com a mão esquerda decepada em plena batalha, para que o veneno da flexa que lhe ferira o punho lhe não contaminasse o organismo todo. E o seu sangue frio, a sua serena bravura, transmitia-se numa descarga electrica aos bravos commandados da sua côr, imprimindo-lhe a sublime dignidade daquelle sacrificio. Ficou Francisco Rabello, o Rabelinho, com os seus homens, disputando, palmo a palmo, ao inimigo impetuoso, o terreno ambicionado.

Eram as tres raças formadoras da nacionalidade que alli estavam, a defender aquelle *rincão* da capitania, quasi toda conquistada, procurando, na afflicção daquelle *hecatombe*, salvar ainda a obra por-

tugueza que se construia no coração da America.

Quando a noticia da fuga de Bagnuolo derramou-se pelo povoado em sobresalto, o desanimo apoderou-se de toda gente. Acompanhar na fuga, rumo de Alagôas, o general que se deshonrara, era a salvação que se apresentava, na angustia do momento, á população civil. Fugiriam todos, iriam todos nas *pegadas* do general, varando o mato, transpondo os rios, galgando os *precipicios*, a um abrigo seguro na Lagôa do Sul. E se despunham á fuga, quando se lhes apresentou D. Clara, a mostrar áquella gente *dementada* pelo medo que acima da vida estava a honra e que a honra impunha o dever de defender aquella terra da patria.

D. Clara alli nascera, de bom sangue indigena e casara-se com Felipe Camarão. Acompanhava-o em quasi todas as jornadas, participando dos seus soffrimentos e dos seus triumphos, cercando-o, carinhosa, do seu amôr. *Arraigara-se-lhe*, na consciencia, o dever da resistencia ao hollandez. O rei *galardoara* o marido, dando-lhe fóros de fidalguia. Era Dom Antonio Felipe. Ella, engrandecida pelos feitos do esposo, sahira tambem do *anonymato* das tribus com um nome fulgurante na historia, naquelle atormentado periodo colonial.

Não era a derrota, que sabia inevitavel, o que a indignava e a retinha alli; sua indignação vinha da cobardia do general, áquella hora em carreira *vertiginosa* pela floresta... Era *mistôr* mostrar ao inimigo que, os que ficaram, sabiam defender o chão da patria, oppondo-lhe resolutamente a muralha do patriotismo. E aquella gente aterrorisada cobrou animo. Os homens validos seguiram para o campo onde se pelejava. Os que não podiam manejar uma arma ficavam nos lares, cuidando dos enfermos e preparando a retirada.

E as mulheres? Porque não haviam ellas tambem de combater? *Arregimen-*

tou as mais animosas, armou-as com o que podesse offender o invasor, e, "a cavallo com uma espada na mão", pôz-se á frente do pequeno regimento feninino. Com elle penetrou nos lugares mais perigosos da batalha, animando com o seu exemplo aos combatentes, investindo ousadamente contra o inimigo, acutilando, ferindo, matando.

Quando Gilberton, vencido, sahiu da fortaleza com todas as honras militares, sob a admiração dos hollandezes e as distincções da fidalguia de Nassau, com elle sahiu D. Clara, ao lado de seu marido.

Haviam salvado a honra portugueza. Vencidos, sim, mas não deshonrados, como Bagnuolo.

D. ROSA DA FONSECA

A sedição de 1839, *fracassada* ingloriamente, atirou com o major Manoel Mendes da Fonseca da margem do Manguaba, onde chefiara o movimento e sempre vivera aquella vida *pachorrenta* da capital decahida, á fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Na velha praça de guerra *purgou* o peccado da rebelião que encabeçara, até que um conselho de guerra, absolvendo-o, passou a esponja do esquecimento sobre o delicto.

Acompanharam-no a esposa e os filhos em numero de nove, que o decimo o casal houve na Côrte.

Sobreviveu o velho militar, reformado em tenente-coronel, á bernarda da mudança da capital, precisamente vinte annos. A' esposa legara a unica riqueza que accumulára em vida — a *prole*, meia duzia de scldados valentes, que foram para o Brasil um patrimonio de bravura e patriotismo.

Deixou-se ficar no Rio, ao lado dos filhos, D. Rosa, nunca mais voltando ás Alagôas. Mas, se não voltou ella á terra natal, não a esqueceu, decerto. Sua casa tornou-se um tecto dos alagoanos que emigravam, portas abertas dia e noite á gente

das Alagôas, no campo de Sant'Anna. Era como se aquelle lar abençoado pelo céo estivesse bem no coração da provincia distante. E com os conterraneos, que chegavam, ella matava as saudades, revendo, *enternecida*, as pessôas que conhecera e que ficaram velhinhas ou haviam morrido, recordando as scenas da vida pacata da cidade desthronada da supremacia de capital, apenas, de quando em vez, perturbada por uma ou outra agitação patriótica em que o marido andara mettido. Que prazer para a sua velhice, recordar as coisas e as pessoas de seu tempo, na terra *longinqua*, onde nascera ha tantos annos, em 1802 !

Ao rebentar a guerra do Paraguay, seis filhos, duma só vez, foram defender o Brasil. Eram militares, cumpriam o seu dever. Ficaram a seu lado as duas filhas, as noras e ainda dois filhos. Affonso, de todos o mais moço, quiz tambem ir para a guerra, e D. Rosa, que já dera á patria seis defensores valentes, resignada, na serenidade de seu patriotismo, deixou-o ir. Ficara-lhe, agora, dos homens, apenas um, que estudava medicina e ainda não vestia a farda que se tornou tradicional na familia, mas que depois a *envergou*, pondo aos punhos os bordadoz de general, como os irmãos.

E o lar, assim, quasi fica sem um *varão* a olhar solícito por aquellas senhoras *desoladas*, com os corações em sobresalto pelos imprevistos das batalhas.

De vez em quando, chegavam noticias da tremenda *carnificina* do sul — eram sempre novas *alviçareiras* dos nossos triumphos e a alma varonil de D. Rosa, revendo-se orgulhosa na prole que concorria para a gloria das armas brasileiras, enfestonava a fachada da casa, pondo-lhe luminarias e escondendo no coração as apprehensões e as saudades.

Um dia os jornaes noticiaram o grande feito militar de Curupaity. Ganhara o